

EXU SENHOR DAS ENCRUZILHADAS E POSSIBILIDADES

Rejane Maria Pereira da Silva ¹

RESUMO

A proposta deste artigo é apresentar discussões teóricas, através de revisão bibliográfica sobre valores africanos e a figura de Exu, divindade africana, senhor da comunicação, com possibilidades das encruzilhadas. Esse Orixá nos inspira a dialogar com Sidney Nogueira, 2020, Akotirene, 2019, Nascimento, 2017, Oyéwumi, 2021, Alves e Jesus, 2020. Não temos a pretensão de apresentar os caminhos dos Orixás, mas a importância desse Orixá, Exu, para a religião de matrizes africanas. O artigo será apresentado ao 9º CONEDU (Congresso Nacional de Educação). Nosso objetivo geral é dialogar sobre uma divindade tão essencial para o povo de Candomblé que foi tão endemonizada, bem como toda a religião. Aproveitaremos o espaço para trazer uma entrevista com mãe de santo que possa descrever sobre Exu, colocando de que maneira Exu é o senhor das encruzilhadas e das possibilidades. Observando quais as perspectivas e estratégias de Exu dialogar com a educação, enfrentando o racismo e a intolerância religiosa.

Palavras-chave: Exu, Matriz africana, Orixás, Educação.

INTRODUÇÃO

“Agô, Exu!” É pedindo licença ao senhor das encruzilhadas que damos início a este trabalho e exponho o seu objetivo que é o de apresentar discussões teóricas através de revisão bibliográfica sobre valores africanos da constituição do ser como pessoa humana relacionando-se a figura de Exu - aquele que primeiro recebe as oferenda; aquele que estabelece a comunicação entre o Ayê e o Orun.

Antes de discorrermos acerca do tema, destaca-se que será sob a visão da sociedade Iorubá que apreciaremos a figura de Exú. Assim como, os valores africanos que integram o princípio de pessoa, serão assumidos os apontados por Leite (1996). São eles:

A **força vital**, energias inerentes aos seres que faz configurar o ser-força ou força-ser, não havendo separação possível entre as duas instâncias. [...] A **palavra** substância divina utilizada para a criação do mundo [...] elemento desencadeador de ações ou energias vitais. [...] O **homem**, síntese de alguns elementos vitais que se encontram em interação dinâmica permanente. [...]. (LEITE, 1996, p. 105-108)

Esses compreendem apenas a noção de pessoa na terra, a esses valores se integram, também, os de ordem social

¹ Doutoranda do curso de Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco - PE, rejane.2020801063@unicap.brem.com

o nome a a socialização em suas fases iniciáticas, bem como, em versão ampla do conceito de existência, os ritos funerários, cuja proposta mais fundamental é a de fazer caracterizar o ancestral, com a carga histórica da sociedade a que pertence, após os processos caracterizadores da morte. (LEITE, 1996, p. 108)

Para Talga e Paulino (2011) um dos principais pontos das sociedades africanas é a “convivência com o existente e o pré-existente, num grande respeito aos guardiões da memória, os griots, os quais fazem a manutenção da memória viva de toda uma comunidade através da oralidade.”

Muito desses valores civilizatórios estão nos familiares, e são encontrados nos terreiros dos candomblés. Segundo as autoras, a oralidade se mantém presente e viva em mente e corações.

Sobre a oralidade, nos diz Bâ (1982), “a tradição oral é a escola da vida e dela recupera e relaciona todos os aspectos.” A tradição da oralidade, exige forma de aprendizagem, e muitas vezes dura anos.

Para Da Gama (2011), é “por meio da realidade que tudo se transmite que tudo se aprende.” Sabemos que o processo colonial fez de tudo para extinguir as tradições africanas. Por isso que a oralidade é tão importante para a preservação das matrizes africanas, o saber ancestral. É de fundamental importância a vida em comunidade, a transmissão dos valores, um modo de ser e estar no mundo, é o que defende os candomblés.

Afinal, O que é candomblé ?

Segundo Botelho e Nascimento (2011) “são religiões brasileiras que articulam conhecimentos e diferentes formas de religiosidades a divindade do continente africano durante a diáspora Negra.”

Verger (1999) refere-se ao candomblé apontado o como uma

Tradição mantida com tenacidade, que eles deram uma força de continuar sendo eles mesmos, apesar dos preconceitos e do desprezo de que eram objetos suas religiões, além da obrigação de adotar a religião dos seus senhores. O Candomblé torna-os membros de uma coletividade familiar, espiritual para o qual estão ativamente preparados. Essa forma de organização social proporcionou-lhe uma segurança e uma estabilidade que nem sempre reconstruíram em sua civilização.

Outro conceito para candomblé é apontado por Prandi (2001),

religião dos Orixás formada na Bahia, no século XIX, a partir de tradições de povos Iorubás {...}, congregou, desde o início, aspectos culturais originário de diferentes cidades iorubanas, originou-se aqui diferentes ritos, ou nações de candomblé.

Para Figueiredo 2018,p.1085 e preciso levar em consideração, além do Candomblé, a construção de irmandade negra.

Podemos considerar as irmandades religiosas negras como as primeiras formas de organização política negra, uma vez que muitas estavam baseadas em mecanismos de ajuda mútua, através da compra de alforria, e da capacitação profissional de pessoas negras para realização de um ofício.

O Candomblé é esse espaço de irmandade, fortalecido na crença as os orixás, mais na irmandade e na força das mulheres negras e homens negros. Sobre a construção de Candomblé aponta Medeiro e Vieira (2019),

O Candomblé também têm matrifocalidade, foram três mulheres negras vindas de África, três irmãs, que deram origem aos principais terreiros de candomblé do Brasil. O que também é afirmado por CARNEIRO, 1978, p.65 quando diz:

O Candomblé só Engenho velho deu, de uma forma ou de outra, nascimento a todos os demais e foi o primeiro a funcionar regularmente na Bahia, [...]. Fundaram o atual Engenho Velho três negras da Costa, de quem se conhece apenas o nome africano - Adêta (talvez Ìyá Dêta), Ìyá kalá e Ìyá Nassô. Candomblé é esse espaço de encanto, onde se vive o coletivo, o lugar também só afeto, de espírito de construção. Falar de candomblé é refletir sobre visão de mundo.

Sobre as mulheres negras nos diz nos Carneiro (2007), que, “ levantando-se contra a escravidão, [...], a mulher negra brasileira encontrou em sua espiritualidade ancestral, os símbolos e os exemplos que lhe inspiraram insubordinação e lhes permitiram construir uma nova e ativa identidade. Na foto da resistência, a exemplo das yalorixás, lideranças espirituais, que traziam a ancestralidade preservada na estrutura religiosa.

Estrutura essa afirmada por Terezinha Bernardo (2005), quando se refere à “Ialodê, associação feminina cujo nome significa senhora encarregada dos negócios públicos”. Sua dirigente estiver a lugar do conselho supremo do chefes urbanos e era considerada uma auto funcionária do Estado, responsável pelas questões femininas, representando, especialmente, os interesses dos comerciantes. Enquanto a Ialodê se carregava da troca de bens materiais, a sociedade Gueledê, era uma associação mais próxima da troca de bens simbólicos.

As mulheres negras sempre lideram com a resistência, acreditando na força dos orixás. Nisso, aponta Carneiro (2007) que a organização do candomblé procurará recriar as estruturas hierárquicas das sociedades africanas que a escravidão destruiu, reorganizar a família negra, perpetuar a memória cultural e garantir a sobrevivência do grupo.

Entrevista a Lúcia dos Prazeres, mãe de santo, sem casa assentada, uma grande liderança Negra com o título de notório saber pela assembleia legislativa de Pernambuco, a mesma nos conta que, candomblé é uma comunidade afro - brasileira, vinda de África espaço de preservação da cultura africana, de acolhimento, de cuidado, de ensinamentos dos princípios em que as pessoas devem se relacionar com a natureza, cuidar uma das outras, aprender a mitologia dos orixás a partir dos gestos, do está junto, da disseminação dos saberes. É uma religião que chegando de África ao Brasil, criou um formato próprio acolhendo e unindo todas as pessoas, abraçando a cultura da terra. Por isso é chamado afro- brasileira, além dos cultos aos orixás de diversas nações se cultua também os povos indígenas.

Quando perguntamos sobre como se deu sua entrada no terreiro de candomblé, a mesma responde:

Como ir ao orixá no culto africano, se deu a partir de uma situação que aconteceu quando era ligada a uma organização chamada de Maria da Conceição, localizada nas imediações do morro da Conceição, bairro da zona norte da cidade do Recife, quando receber uma criança que completaria 10 anos e ainda não sabia ler nem escrever.

Através da metodologia de aprendizagem foram para casa dessa criança para buscar elementos que fizessem com que ela pudesse se sentir capaz de assumir sua vida. Foi quando chegando a casa da criança, a mesma estava tocando um instrumento de toque dos orixás, a organização comprou o material e a criança começou a tocar e a ensinar outras sobre os orixás.

Lúcia dos Prazeres é filha do axé, Eleobá, de nação Ketu, sua linhagem vem de bombochê Abidicou, primeira africano que implementou uma casa em Salvador / BA, depois dele veio casa Branca de mãe Aninha, em seguida o axé de mãe menininha do Cantuá, e de pai caio Egídio, filho de xangô. Iniciou-se e foi para São Paulo. Lúcia dos Prazeres, nos conta que é filha de xangô com oxum, oxalá e Iansã. Sua iniciação não se deu planejada, recebeu o orixá, o mesmo disse a ela que ficasse e foi ficando.

Sentiu a energia e ficou. É de candomblé, é de xangô e é Yolorixá, honra seus orixás, bate cabeça para os orixás, para os mais velhos, mesmo não tendo casa aberta.

Sobre o Candomblé, aponta Botelho e Nascimento, 2011 p77, “A religiosidade de matriz africana presente hoje, no Brasil é uma ressignificação dos cultos praticados em terra do continente africano por diversos grupos étnicos que passaram por algumas adaptações, consequência do processo econômico escravocrata. A trajetória de homens e mulheres negras no candomblé é longa, marcada pelo racismo, a intolerância religiosa, ou seja, racismo religioso.

É na crença dos orixás, na possibilidade de outros cursos que o candomblé é parte do acreditar no mundo, em outros caminhos, outras vivências

O que acontece no passado, para os Iorubás, permanece vivo; O Orixá Exu é vivo.

Exu e os Orixás

O termo Orixá é resultado da junção das palavras Ori (cabeça) e Xá (Guardião), traduzindo-se, podemos dizer que Orixás são espíritos que guardam as cabeças.

Espírito ou entidades que estariam presentes em um corpo o objeto de força da natureza. Os tementes dos perigos da natureza que punha em risco constante a vida humana, perigos que eles não podiam controlar, esses antigos africanos ofereciam sacrifícios para aplacar a fúria dessas forças, doando sua própria comida como tributo, [...] Muitos desses espíritos da

natureza passaram a ser cultuado como divindades, mais tarde designados Orixás. (PRANDI, 2001, p.14)

Lembrando Akotirene (2019) “A diáspora negra deve buscar caminhos discursivo com atenção aos acordos estabelecidos com os antepassados.” Dentre esses, temos a narrativa que aborda a apartação entre o céu dos Orixás e a terra dos homens.

No começo não havia separação entre o **Orun** – o céu dos orixás e o **Ayê** – a terra dos humanos. Homens e divindades iam e vinham cohabitando e dividindo vida e aventuras. Conta-se que quando o **Orun** fazia limites com o **Ayê**, o ser humano tocou o **Orun** com as mãos sujas e o céu imaculado dos Orixás foram^{sic} transpurgados^{sic}. O branco imaculado de **Obatalá** se perdera. **Oxalá** foi reclamar com a **Olorúm**. E **Olorúm** senhor do céu, deus e supremo. Irritado com a sujeira e a displicência dos mortais, soprou enfurecido seu sopro divino e separou para sempre o céu da terra. Assim, o **Orun** separou-se do mundo dos homens e nenhum homem poderia ir ao **Orun** e retornar de lá com vida. E os orixás não poderiam vir a terra com seus corpos. Agora havia o mundo dos homens e dos orixás separados, isolados dos humanos do **Ayê**. As divindades entristeceram, os orixás tinham saudades de suas peripécias entre os homens e andavam tristes e amuados. Foram queixar-se com **Olodumaré** que acabou consentindo que os Orixás pudessem vez por outra retornar à terra. Para isso, entretanto, teriam que tomar o corpo material de seus devotos, foi a condição imposta por Olodumaré. **Oxum** que antes gostava de vir a terra brincar com as mulheres dividindo com elas sua formosura e vaidade, ensinando-lhes feitiços de adorável sedução e resistível encanto, recebeu de Olorúm um novo encargo, preparar os mortais para receber em seus corpos os Orixás. **Oxum** fez oferenda a **Exú** para propiciar sua delicada missão, do seu sucesso dependeria da alegria de seus irmãos e amigos orixás. Veio ao **Ayê** e junto as mulheres a sua volta banhou os corpos com ervas preciosas, cortou os seus cabelos, raspou suas cabeças, pintou seus corpos, pintou suas cabeças com pintinhas brancas, com as pintas das penas da conquém, com as penas da galinha d’água, vestiu-se com belíssimos panos e fartos laços, enfeitiçou-as com joias e coroas. O **Ori** – a cabeça, ela adornou ainda com a pena codidé, pluma vermelha rara e misteriosa do papagaio da costa. Nas mãos a fez levar bebês, espadas, centros e nos pulsos, búzios de dourados indés. No colo com voltas e voltas de coloridas contas e múltiplas fileiras de búzios, cerâmicas e corais. Na cabeça pôs um corifeito de manteiga de **ori**, finas ervas de **obí** mascado com todo condimento de que gostam os orixás. Esse **Exú** atrairia o orixá. O **orí** da iniciada e o orixá não tinha como se enganar em seu retorno ao **Ayê**. Finalmente, as pequenas esposas estavam feitas, estavam prontas e estavam **odára**. As Yaôs eram as noivas mais bonitas que a vaidade de **Oxum** conseguia imaginar, estavam prontas para os deuses. Os orixás agora tinham seus cavalos e podiam retornar com segurança ao **Ayê**, podiam cavalgar o corpo das devotas. Os humanos faziam oferendas aos orixás, convidando-os à terra aos corpos das **Yaôs**. Então, os orixás vinham e tomavam seus cavalos e enquanto os homens tocavam os seus tambores, vibrando batás e agogôs, soando xequerês e adjás. Enquanto os homens cantavam e davam vivas e aplaudiam, convidando todos os humanos iniciados para a roda do xirê. Os orixás dançavam, dançavam e dançavam. Os orixás estavam felizes na roda das festas no corpo das Yaôs, eles dançavam, dançavam e dançavam, assim nasceu o candomblé. (ORÓ, 2013, p.111 apud DAGAMA, 2011, s/p)

Essa, além de demonstra a riqueza do legado do povo africano sendo possível, através dela, identificar a força e a potencialidade dos Orixás, também aponta quiza um dos primeiros acordos estabelecidos, como podemos observar no trecho em destaque “[...] os orixás não poderiam vir a terra com seus corpos. [...]”

É somente por meio de Exu que há a possibilidade de se estabelecer novamente essa ligação seja do ayê com o orun, seja do orun com o ayê. “**Oxum** [...] recebeu de Olorúm um novo encargo, preparar os mortais para receber em seus corpos os Orixás. **Oxum** fez oferenda a **Exú** para propiciar sua delicada missão [...]” Por esse eoutor motivos que é possível observar a fundamental importância de Exu.

Exu é o primeiro Orixá a ser cultuado no Candomblé, pois sem ele nada se faz. Quanto ao Orixá Exu, descreve,

Divindade africana da comunicação, senhor das encruzilhadas [...] que responde com a voz sabedora de quanto tempo a língua escravizada esteve a mordaçada politicamente, impedida de tocar seu idioma. (AKOTIRENE, 2019, p. 20)

É Exu, e sempre foi. A religiosidade africana expressa uma comunicação entre humano e o divino; é o primeiro orixá a ser cultuado no Candomblé, nada se faz sem ele.

Falar em Exu significa questionar, tensionar e possibilitar encruzilhadas nas filosofias para pensarmos a pedra filosofal, pedra primeira, princípio dinâmico. É uma palavra polissêmica, plural, com travessa e polifônica. {...}, Exu significa na linguagem iorubá espera, ou seja, aquilo que é infinito, que não tem começo e nem fim e representa o toldo ou a fusão das partes. É a primazia do ser e do vi a ser. Princípio da sabedoria que se estende ao infinito. (CORREIA, 2020, p.40).

Exu se encontra nas encruzilhadas que aparecem nos nossos caminhar. De acordo com Martins (1989),

Na concepção filosófica nagô/ yorubá, assim como na cosmovisão de mundo das culturas Banto, a encruzilhada é o lugar sagrado das intermediações entre os sistemas instâncias de conhecimentos diversos, sendo frequentemente traduzida por uma cosmograma que aponta para o movimento circular do Cosmo e do espírito humano.

Na relação com o sagrado e encruzilhada nos aponta Neto (2019)

EXÚ , o orixá mensageiro do panteão iorubá, é o princípio dinamizador da vida, das existências, aquele que liga o ayê (terra) ao Orun (céu), nosso plano com o plano dos orixás [...] Senhor da ordem [...], movimenta o axé e a própria vida, caminho de encontro e de passagens, onde as possibilidades se encontram, se cruzam.

ENCRUZILHADAS E POSSIBILIDADES.

Nas encruzilhadas estão os partilhamentos de saberes e suas possibilidades. Como diz Rufino (2013), " uma espécie de balaio de saberes." já que se compreende “ensinamentos” como um traslado da diáspora africana Negra. Dentre esses, pedir agô à Exu é a primeira premissa, já que o Orixá é o elemento constituído do próprio movimento em si.

Exu, enugbarijó [...], aquele que protagoniza a façanha de restituir de forma transformada e utilizada aquilo que foi engolido. Condição do orixá vinculada dinâmica dos movimentos e

das transformações. Exu é sempre o primeiro é o um multiplicado ao infinito. Assim, se expressa e se evoca esse saber pelos seguidores de Bara, Elegbara, Eleguã, Enugbarijó, Yangi, Exu. Todos esses termos constituem em faces de um mesmo signo. As possibilidades de tempo e de espaço, apresentado por um exercício crítico que propõe o lançamento de diferentes perspectiva de mundo em uma dinâmica cruzada. (RUFINO, 2013, p.58-59).

É o sentido do encantar-se como propõe, Oliveira e Machado (2021) “a partir da ancestralidade africana que tece e é tecida por práxis de libertação, de re-conhecimento, respeito, acolhimento de encantamento.”

O nosso estar neste mundo, de ser do mundo. Como nos diz mãe Stella de Oxossi, "a essência da natureza é viva (chuva, vento, trovão, relâmpago). Quem pratica e crê, presencia." (SANTOS, 2010, p.145).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de iniciar as considerações finais, que, podem não ser finais, é preciso pontuar o lugar de quem fala e escreve sobre EXU e as Encruzilhadas das possibilidades. É uma pessoa que pertence a uma casa de terreiro, de nação Keto, mas que de forma acadêmica percorre nas contribuições teóricas sobre o Orixá Exu, reconhecendo algumas limitações e os alcances percorridos nos discursos acadêmicos sobre esse Orixá, bem como a condição primordial deste para o desenvolvimento da pessoa humana.

Com isso, de forma respeitosa, oferecemos subsídios para o artigo, sem os ranços coloniais, mas acreditando no encantamento das religiões de matrizes africanas. Reportamo-nos, neste momento, ao Iroko, o Orixá do tempo e da ancestralidade. Um contar à folha referenciando a permanência da árvore.

Desejamos, com isso, apresentar de certa forma, a estrutura da religiosidade africana, almejando promover o diálogo e maiores condições. Como aponta NASCIMENTO (2016), “Exu é o orixá de caminhos mas também do movimento do caminhar.” O que esse orixá nos mostra é que existe caminhar diversos, de organizar a vida, as relações humanas. Laroyé Exu!

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. O que é interseccionalidade? Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

BÂ, Amadou Hampaté. A tradição viva. In : KI- Zerbo. História geral da África- V.1 - Metodologia e pré-história.

BOTELHO, Denise; NASCIMENTO; Wanderson Flor do. Educação e religiosidades afro-brasileiras: a experiência dos candomblés. Revista participação. N.17, 2011. Periódicos UNB
CORREIA, Paulo petronilio. O imaginário individual e coletivo do candomblé. Revista mosaico. V.13- 2020.

CARNEIRO, Sueli. A força das mães negras. Lê Monde - Brasil. Diplomatique - 2007.

DAGAMA, Gláucio Fernandes. Ancestralidade africana. ACREPERAM - associação dos cientistas da religião e dos professores de ensino religioso do Amazonas. 2020.

FIGUEIREDO, Angela. Perspectivas e contribuições das organizações de mulheres negras e feministas negras contra o racismo e o sexismo na sociedade brasileira. Direito e Práxis. Revista, RJ , Vol.9 N.2.2018.

MACHADO, Adilbênia Freire; OLIVEIRA, Eduardo David de. Filosofia africana- brasileira: ancestralidade, encantamento educação afro referenciada. Cuadernos de filosofia latino-americana, 2022.

MARTINS, Leda. Performances da Oralitura: Corpo, lugar da memória. Universidade federal de Minas gerais (UFMG). Programa de pós-graduação em letras. N 26 , 1989. Das Questões - 2016 . Periódicos UNB.

NETO, João Augusto dos Reis. A pedagogia de Exu: educar para resistir e (Re) existir. Revista calundu - Vol 3. N.2- 2019

NASCIMENTO, Wanderson Flor do. Olojá: entre encontros- Exu, o senhor do mercado.

PRANDI, Reginaldo. O Candomblé e o tempo: Concepções de tempo, saber e autoridade da África para as religiões afro- brasileiras. Revista brasileira de Ciências sociais 2001.

PRANDI, Reginaldo. Os orixás e a natureza. Revista estudos afro- brasileiros. V.3 n. 1 Itanhaém: 2022.

RUFINO, Luiz. Encantamento sobre política de vida. Mórula - editorial- 2020.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo. 2º edição, 2010, assembleia legislativa do Estado da Bahia.

TALGA, Jaqueline Vilas boas; PAULINO, Vanessa Tomé. Valores civilizatórios tradicionais africanos no Brasil. Universidade Federal de Uberlândia: Minas Gerais, 2011.